

APRESENTAÇÃO

*Adriana Carvalho Koyama**

Memória, documento e escrita da História. Esse número dos *Cadernos do Ceom* convida-nos à reflexão sobre a produção historiográfica e suas fontes documentais. Fontes ampliadas, a partir do convite da Escola dos Annales, para compreender todo registro humano que possibilite encontros com o passado: memórias oficiais e subterrâneas, narrativas ficcionais, fotográficas, elementos da cultura material, da arquitetura à arqueologia, documentos plurais.

A comemoração do cinquentenário de Chapecó é tema do artigo de Eloisa Rosalen, e traz para o acontecimento singular a reflexão sobre a produção de documentos como monumentos, na criação de discursos sobre o passado. Se “tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”, como aponta Le Goff, a comemoração é um momento privilegiado nesse movimento.

A celebração do cinquentenário como patrimônio, estudada pelos autores, lembra fortemente a percepção benjaminiana da tradição que é catástrofe. Ao longo do artigo testemunhamos a violência, muito presente na memória dos que participaram dessa história, embora travestida de progresso e civilização dos sertões. Violência que Jaisson Lino também entrevê, em seu estudo sobre a paisagem sobrevivente dos palcos da Guerra do Contestado, cujo silêncio ele interroga em um poético trabalho de campo arqueológico.

A cultura material como documento é abordada também por Alessandro de Bona Mello, Raul Viana Novasco e Valdir Luiz Schwengber, que interrogam pedras, chão e florestas e descobrem vestígios do cotidiano de grupos Jê no planalto catarinense. As datas dos artefatos recuam a 1.140 antes do presente, dando voz à presença milenar dessas sociedades na história anterior à colonização da América. Já Renilda Vicenzi explora fontes arquivísticas, buscando o avesso da violência explícita: perscruta o Arquivo da Paróquia de

Nossa Senhora dos Prazeres de Lages, nos registros de batismos e casamentos, em busca de indícios sobre a constituição de laços de compadrio e casamento entre cativos, livres e libertos, na Vila de Lages do final do século XVIII e início do XIX. Dialogando com documentos oficiais, que se criaram como marcos da lei e da ordem, a autora vai a busca dos sujeitos escravizados e de suas escolhas, entrevistas nesses registros.

Sonia Monego e Vanderleia Guarnieri perguntam-se sobre as possibilidades da fotografia enquanto suporte material para as recordações, trazendo à luz as imagens de Eliane Fistarol, que registram lutas sociais da região oeste de Santa Catarina nas décadas de 1980 e 1990: fragmentos de memórias que dialogam fortemente com os dois primeiros trabalhos dessa revista. Trazem também uma proposta de ensino aprendizagem a partir dessas fotografias.

A imprensa da região oeste de Santa Catarina, em sua produção da década de 1940 à atualidade, é lida por Jorge Pereira, em suas relações com grupos políticos, com fontes governamentais regionais e locais, com as perspectivas de renovação que o autor espera serem trazidas pelas tecnologias de informação e comunicação. Os discursos da imprensa trazem mais cores ao mosaico dos textos que lhe antecipam, nesses *Cadernos*: a imprensa anuncia, nas palavras de Pereira, as vozes das “forças culturais, econômicas e políticas que conseguiram prevalecer nos conflitos pelas terras da região e determinar um modelo de desenvolvimento sustentado na eficiência do trabalho”. Mas anuncia também muitas outras vozes, que ali estão distorcidas, quase silenciadas, mas vivas, cuja leitura o autor vai fazendo, na contramão.

A escolha de uma propriedade rural de colonos italianos como monumento histórico regional, estudada e descrita por Rigon, Fujita e Scherer, ganha novas cores no contexto da revista, como registro de indícios da cultura material de personagens que vemos em outros artigos, mas também como reflexão sobre os caminhos da escrita da história através das ações patrimoniais. A perspectiva de atividades turísticas que sustentem a preservação desse espaço, que também justifica seu estudo como patrimônio histórico, insere o estudo em

mais um de seus contextos contemporâneos, trazendo um novo elemento ao conjunto de discursos sobre o passado elaborado pelos demais autores.

No quadro da produção de documentos que se afirmam como monumentos, e na esteira da ampliação dos lugares da memória que vem ocorrendo nas últimas décadas, a preservação de acervos documentais de entidades sociais é enfocada também no artigo *Centro de Memória Cooperalfa/Sicoob MaxiCrédito: reflexões sobre um projeto de memória institucional*, de Ademir Miguel Salini, Aline Maisa Lubenow e Elizandra Forneck. Documentos cujo uso se transforma, para que seus sujeitos não sejam esquecidos: de sua produção e acumulação orgânica, no registro das atividades da Cooperativa, tornam-se suportes para “dar maior importância e visibilidade às memórias e experiências vividas, no sentido de pensar a história como uma trama de contradições, onde vivem diferentes grupos, com diferentes valores e interesses”, como apontam os autores.

Em *Os historiadores e suas fontes em tempos de web 2.0*, Eliana Almeida de Souza Rezende compartilha com os leitores dos *Cadernos* suas perguntas e angústias frente às transformações trazidas pelas fontes digitais, bem como algumas de suas especificidades. Tomando como referência autores de diversas origens, sem pretender ser um quadro do “estado da arte” sobre o tema, seu artigo busca, em suas palavras, “expor uma inquietação provocativa e lançar aos futuros historiadores questões em relação ao seu trabalho e investigação com as fontes produzidas na contemporaneidade de princípios do século XXI”.

A história oral e a investigação sobre a Cooperalfa voltam a estar presentes no último artigo desse número, *Reflexões sobre memórias cooperativistas*, de Elisandra Forneck e Alison Antonio Paim. É o relato de uma pesquisa em andamento, na qual os autores vão a campo entrevistar cooperados que criaram a Cooperalfa, no final dos anos 1960, em um atento trabalho de história oral, que ao congregar esses novos documentos sobre a cooperativa aos do acervo institucional, trazem outras palavras, que certamente se somam, contrapõem e deslocam as interpretações existentes dessa história. A pesquisa

revela as marcas da forte modernização autoritária, em curso naquele período político e social, vista nas experiências singulares vividas pelos pequenos proprietários do oeste de Santa Catarina na década de 1970.

Ficam então os convites, expressos nos artigos, para percebermos as tessituras entre produção historiográfica e preservação documental, fragmentos de memórias e construção de conhecimentos sobre história de Santa Catarina, que o CEOM oferece à leitura em sua 36ª edição, articulando reflexões e estimulando a produção de conhecimento.

Notas

* Doutoranda do GEPEC - Faculdade de Educação da Unicamp e diretora do Arquivo Público de Indaiatuba, é graduada em História (IFCH-Unicamp). Membro do Conselho Consultivo e do GT de Pesquisa e Ensino de História da ANPUH-SP, pesquisadora do grupo Texto e Imagem, da UFMG e do grupo Educação, História e Memória, da UFES. E-mail: ackoyama@outlook.com.